

ISSN 000-0000

BOLETIM DE CONJUNTURA **MERCADO DE TRABALHO** 3º TRIMESTRE DE 2015

Governo do Estado da Bahia

Rui Costa

Secretaria do Planejamento – Seplan

João Leão

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais
da Bahia – SEI

Eliana Boaventura

Diretoria de Pesquisas – Dipeq

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação Editorial

Armando Affonso de Castro Neto

Luiz Fernando Araújo Lobo

Elaboração Técnica

Armando Affonso de Castro Neto

Ana Maria de Sales Guerreiro

Luana Gabriela da Silva Rodrigues

Luiz Chateaubriand Cavalcanti dos Santos

Luiz Fernando Araújo Lobo

Guillermo Javier Pedreira Etkin

Coordenação de Biblioteca e Documentação – Cobi
Normalização

Eliana Marta Gomes Silva Sousa

Coordenação de Disseminação de Informações –
Codin

Augusto Cezar Pereira Orrico

Editoria-geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto

Editoria de Arte e de Estilo

Ludmila Nagamatsu

Editoração

Marta Barreto

Revisão

Christiana Fausto

Projeto Gráfico

Nando Cordeiro

Av. Luiz Viana Filho, 4ª Av., 435, CAB.

Cep: 41.745-002. Salvador(BA)

Tel.: (71) 3115 4822 / 3115 4786 Fax.: (71) 3116 1781

www.sei.ba.gov.br

sei@sei.ba.gov.br

SUMÁRIO

3º TRIMESTRE DE 2015 **1**

CENÁRIO ECONÔMICO **1**

EMPREGOS FORMAIS **2**

MERCADO DE TRABALHO NA RMS SEGUNDO PESQUISA
DE EMPREGO E DESEMPREGO **6**

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO **9**

Expectativa dos empresários baianos para o emprego **9**

Projeção do emprego formal **10**

APÊNDICE **12**

NOTAS METODOLÓGICAS **17**

Pesquisa de confiança do empresariado baiano **17**

Projeções do mercado de trabalho formal **17**

3º TRIMESTRE DE 2015

Adotando como fontes de informação o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), a Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de Salvador (PED-RMS) e a Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano, qualquer auditoria da evolução conjuntural do mercado de trabalho baiano vai constatar a piora do cenário ao longo de 2015 – com elevação do desemprego, eliminação de empregos com carteira assinada e redução dos rendimentos reais médios – e, também, decepcionar a expectativa de retomada, ainda este ano, do ritmo de contratação em curso dos últimos anos.

Reflexo da desaceleração econômica observada no território baiano, os dados apontam, até o momento, para a continuidade de esfriamento do mercado de trabalho formal – com retração irremediável para este ano, após longo período de expansão. As projeções realizadas pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) vêm se confirmando e voltam a revelar tendência de fechamento de postos de trabalho no quarto trimestre de 2015, período costumeiramente marcado por saldos negativos na geração de empregos com carteira assinada. Além do mais, o desânimo quanto ao futuro, revelado pelo empresariado do Estado, em níveis ineditamente baixos, robustece a hipótese de continuidade no arrefecimento do mercado de trabalho.

CENÁRIO ECONÔMICO

Alguns indicadores da atividade econômica baiana corroboraram o desempenho insatisfatório do mercado de trabalho. A economia cresceu apenas na Agropecuária, a despeito do momento econômico adverso, mas mostrou-se recessiva na Indústria, no Comércio e nos Serviços no terceiro trimestre deste ano.

A expectativa para a safra baiana de grãos, em 2015, é de crescimento de 17,3% em relação ao que foi produzido no ano anterior, quando a produção de grãos totalizou 7,97 milhões de toneladas. Conforme Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) do mês de setembro, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), caso confirmada a estimativa, a produção física de grãos alcançará 9,35 milhões de toneladas este ano na Bahia. Dessa forma, a produtividade dos grãos, entendida como a relação entre produção física e área colhida, deverá aumentar 4,8% para a safra do ano corrente.

A taxa de produção industrial (de transformação e extrativa mineral), no terceiro trimestre de 2015, decresceu 1,7%, em comparação ao terceiro trimestre do ano anterior, segundo informações da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE – voltando a cair no confronto interanual após a última ocorrência negativa no trimestre terminado em junho (-4,9%). A redução no ritmo produtivo da indústria da Bahia (-1,7%), no terceiro trimestre do ano, ocorreu tanto na indústria extrativa quanto na de transformação, com quedas de 7,1% e 1,4%, respectivamente.

Segundo Pesquisa Mensal de Comércio do IBGE, o comportamento do comércio varejista revelou, no terceiro trimestre do ano corrente, num confronto interanual, queda de 10,0% no volume de vendas. Na série sem ajuste sazonal, a comparação com o mesmo trimestre de um ano antes apontou queda no volume de vendas pela oitava vez seguida – porém o recuo, no trimestre encerrado em setembro último, foi o mais intenso entre eles.

O setor de serviços na Bahia obteve, no terceiro trimestre deste ano, em relação ao mesmo período do ano anterior, redução em sua receita nominal. Conforme resultados revelados pela Pesquisa Mensal de Serviços do IBGE, o indicador da receita nominal de serviços revelou contração de 3,1% na comparação interanual.

O Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (ICEB), índice que avalia as expectativas das entidades representativas do setor produtivo do estado, calculado pela SEI, segue em patamares consideravelmente baixos. Em julho e agosto, o ICEB registrou as menores pontuações da sua série: -473 pontos e -479 pontos, respectivamente – indicando pessimismo relevante e reforçando a ideia de prosseguimento de contração econômica na Bahia nos meses que se seguem. Em setembro, mês de encerramento do terceiro trimestre, o indicador marcou -467 pontos – quarto pior registro de sua sequência.

EMPREGOS FORMAIS

O saldo de empregos formais, numa análise por média móvel de doze meses, vem reduzindo, mês a mês, desde junho do ano passado na Bahia. A despeito de um início promissor em 2014, o mercado de trabalho formal baiano foi atrofiando ao longo desse ano e, em 2015, passou a mostrar um quadro de evidente retração, com cortes progressivos de vínculos tutelados pela legislação trabalhista.

Como se pode acompanhar pelo Gráfico 1, construído com base em informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, a tendência crescente na geração de empregos com registro em carteira, verificada até os primeiros meses de 2014, foi revertida – mantendo, desde então, uma rota de declínio expressiva.

O gráfico abaixo expõe um panorama gradativamente mais deteriorado do mercado de trabalho formal na Bahia. O saldo médio, móvel de doze meses, de fevereiro de 2014 a setembro deste ano, saiu de 5.370 postos gerados para 5.492 empregos formais eliminados – denunciando intensa redução do número de empregos protegidos. Os últimos três meses, julho a setembro, com arrefecimento significativamente maior, acabaram por deprimir, ainda mais, o mercado de trabalho baiano, num movimento que deve perdurar pelo restante do ano.

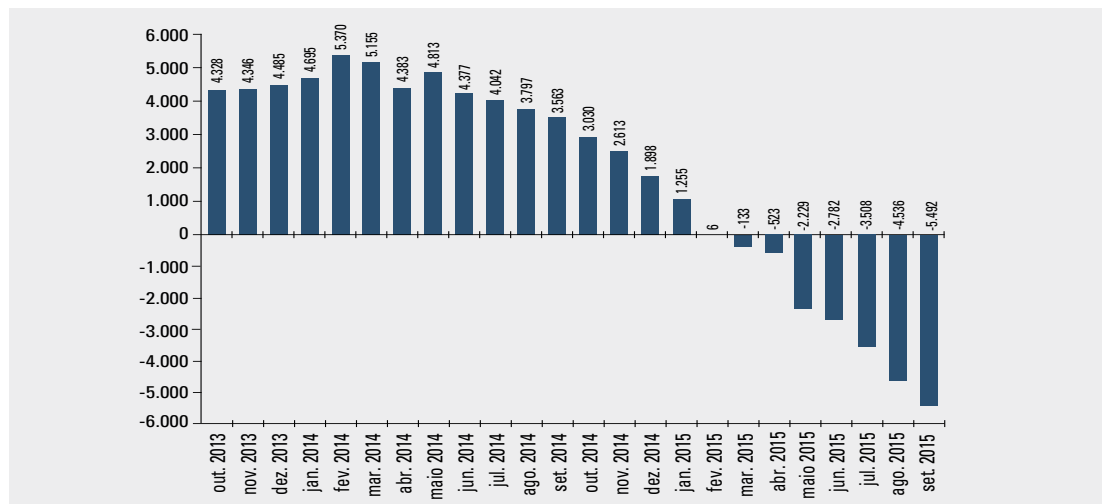


Gráfico 1
Evolução do saldo de empregos formais por média móvel de doze meses – Out. 2013-set. 2015

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2015.

Diferentemente de anos anteriores, o emprego formal na Bahia, em termos de saldos trimestrais, iniciou este ano com queda na ocupação. Todos os trimestres do ano, até agora, mostraram supressão de postos de trabalho, com perda crescente a cada trimestre. No acumulado dos nove meses do ano, 40.471 trabalhadores com carteira assinada foram dispensados no estado – extinção equivalente a 2,2% do contingente final de 2014, de 1.832.137 empregos.

Concentrando-se no terceiro trimestre de 2015, o número de empregos com carteira assinada, conforme Gráfico 2, sofreu redução de 18.566 postos de trabalho – contração maior que a do segundo trimestre, quando o encolhimento no nível de emprego formal atingiu 15.416 postos.

Em referência ao mesmo trimestre do ano precedente, quando 13.964 novas relações empregatícias haviam sido estabelecidas, o mercado de trabalho formal, no terceiro trimestre de 2015, encontra-se em situação diametralmente oposta – reforçando a ideia de uma performance, para 2015, bem inferior às constatadas em anos anteriores.

Dessa maneira, o trimestre findado em setembro assumiu o posto de pior terceiro trimestre, em termos de saldo, dos últimos dez anos. Por sinal, os meses de julho (-7.727 postos), agosto (-6.479 empregos celetistas) e setembro (-4.360 postos), tomados individualmente, também apresentaram mínimos históricos na série de cada referido mês, pelo menos, desde 2006.

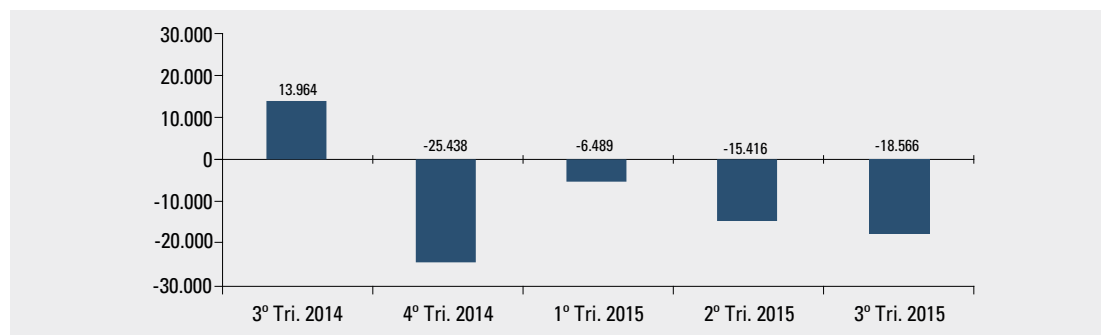


Gráfico 2
Evolução do saldo de empregos formais por trimestre – 3º tri. 2014-3º tri. 2015

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2015.

Excetuando o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

A retração no mercado de trabalho formal baiano, observada este ano, parece se difundir pelos setores – mas, ainda, sem retratar um quadro absoluto de contração em termos setoriais. Enquanto no segundo trimestre deste ano cinco setores eliminaram empregos formais, no trimestre encerrado em setembro, o recuo no nível de oportunidades ocupacionais envolveu sete das oito atividades consideradas – número superior, também, ao do mesmo trimestre de 2014, quando três segmentos apresentaram saldo negativo.

Numa avaliação setorial, no que concerne a saldos trimestrais, Construção Civil e Serviços, com dispensa de 7.288 e 4.328 trabalhadores formalizados no terceiro trimestre deste ano, respectivamente, destacaram-se com os piores desempenhos. Os demais setores com queda na ocupação formal foram: Comércio, Agropecuária, Indústria de Transformação, Administração Pública e Serviços Industriais de Utilidade Pública. Em contrapartida, conforme Tabela 1, o segmento de Extrativa Mineral foi o único a evidenciar expansão no período.

Tabela 1**Comportamento do mercado de trabalho formal por setor de atividade econômica na Bahia por trimestre**

Setor de atividade econômica	3º trimestre de 2014	2º trimestre de 2015	3º trimestre de 2015
Extrativa Mineral	-53	100	41
Indústria de Transformação	1.000	-495	-1.091
Serviços Industriais de Utilidade Pública	364	-209	-403
Construção Civil	5.297	-12.560	-7.288
Comércio	2.059	-1.688	-3.529
Serviços	6.216	-7.179	-4.328
Administração Pública	-117	90	-514
Agropecuária, Ext. Vegetal, Caça e Pesca	-802	6.525	-1.454
Total	13.964	-15.416	-18.566

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2015.

Excetuando o saldo do último mês, os demais dados contam com o ajuste das declarações realizadas fora do prazo.

A região Nordeste, com a geração de 3.457 empregos celetistas, foi a única a registrar expansão das oportunidades ocupacionais no terceiro trimestre. Entre os estados nordestinos, apenas dois apresentaram saldo negativo nesse intervalo: a Bahia, que eliminou 18.566 empregos com carteira assinada e assumiu a última posição da região; e o Ceará, que revelou o corte de 3.712 postos de trabalho. O estado de Alagoas, com surgimento de 12.918 postos de trabalho, foi o de melhor desempenho, seguido por Maranhão, com 4.670 novos empregos – ambos, por sinal, também obtiveram os maiores saldos entre as unidades da Federação.

No *ranking* nacional, ordenado do maior ao menor saldo no período, a Bahia ficou na 21ª posição no trimestre, mesma posição ocupada no trimestre anterior – uma estabilidade relativa, proporcionada mais pelo tamanho da retração de oportunidades de trabalho verificada em outras unidades federativas do que propriamente por uma melhora, em si, na dinâmica de geração de empregos formais do estado.

Quanto à distribuição intraestadual, diferentemente ao ocorrido no segundo trimestre deste ano, tanto a Região Metropolitana de Salvador (RMS) quanto o Interior do estado revelaram corte de vagas no terceiro trimestre. Enquanto a RMS eliminou 10.523 empregos com registro em carteira, o Interior foi responsável pelo corte de 8.043 postos de trabalho (Tabela 2). Os resultados para o hiato temporal de julho a setembro deste ano foram piores que os verificados no mesmo trimestre do ano passado, quando ambos, RMS e Interior, haviam revelado aumento da ocupação com carteira assinada.

Importante destacar que a perda de empregos formais na RMS, quando se observam o 2º e o 3º trimestres conjuntamente, foi muito superior àquela constatada no Interior – praticamente sete vezes maior. Esta grande diferença denuncia, assim, a área metropolitana como o epicentro da perda de dinamismo do mercado de trabalho formal no território baiano no período.

Tabela 2**Comportamento do mercado de trabalho celetista baiano entre RMS e Interior por trimestre**

Área geográfica	3º trimestre de 2014	2º trimestre de 2015	3º trimestre de 2015
Bahia	13.964	-15.416	-18.566
RMS	6.927	-19.187	-10.523
Interior	7.037	3.771	-8.043

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2015.

O saldo negativo de 18.566 empregos formais, gerado no terceiro trimestre deste ano, foi oriundo de 163.312 admissões e de 181.878 desligamentos. Conforme Tabela 3, no que se refere ao tipo de movimentação dos vínculos, as modalidades predominantes, Admissão por Reemprego e Desligamento por Demissão sem Justa Causa, recuaram 9,7% e 9,1% do segundo para o terceiro trimestre, respectivamente.

No campo das admissões, o reemprego, forma de contratação mais comum no mercado de trabalho formal baiano, correspondeu a 82,6% das formas de admissão no trimestre encerrado em setembro – percentual acima ao do trimestre anterior, de 80,5%. Os admitidos via primeiro emprego e os contratados por prazo determinado responderam por 10,4% e 6,9%, respectivamente, das modalidades com alguma relevância.

No que diz respeito aos desligamentos, a demissão sem justa causa foi responsável por 70,7% dos motivos no trimestre de julho a setembro – proporção rente aos 70,3% do segundo trimestre do ano. As demais modalidades com alguma significância foram os desligamentos por término de contrato e os desligamentos a pedido, os quais equivaleram a 13,0% e 12,1% das formas ocorridas de desligamento.

No mercado de trabalho formal baiano, na comparação com o segundo trimestre, as admissões por contrato de trabalho por prazo determinado e as admissões por reintegração destacaram-se pela respectiva redução em 30,6% e 16,1%. No mesmo período, desligamentos por aposentadoria e desligamentos por morte se distinguem pela ampliação em 6,3% e 4,8%, respectivamente.

Tabela 3

Comparativo trimestral dos saldos do mercado de trabalho celetista, por tipo de movimentação – Bahia

Tipo mov. desagregado	2º trimestre 2015	3º trimestre 2015	Varição
Admissão por Reemprego	149.428	134.930	-9,7%
Admissão por Primeiro Emprego	19.972	17.056	-14,6%
Contrato Trabalho Prazo Determinado	16.142	11.196	-30,6%
Admissão por Reintegração	155	130	-16,1%
Admissão por Transferência	0	0	-
Desligamento por Transferência	0	0	-
Desligamento por Aposentadoria	-127	-135	6,3%
Desligamento por Morte	-495	-519	4,8%
Desligamento por Demissão com Justa Causa	-1.782	-1.705	-4,3%
Término Contrato Trabalho Prazo Determinado	-5.966	-5.339	-10,5%
Desligamento a Pedido	-25.444	-22.033	-13,4%
Desligamento por Término de Contrato	-25.864	-23.633	-8,6%
Desligamento por Demissão sem Justa Causa	-141.435	-128.514	-9,1%
Total	-15.416	-18.566	-

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2015.

Excetuando o saldo do último mês, os demais dados contam com o ajuste das declarações realizadas fora do prazo.

No terceiro trimestre de 2015, o salário real médio de admissão, na Bahia, atingiu o valor de R\$ 1.137 – diferença de R\$ 178 em relação ao do país, que foi de R\$ 1.315 nesse íterim. Num comparativo com o segundo trimestre, quando alcançou R\$ 1.139, houve diminuição real de 0,2%. Na comparação interanual, também, verifica-se redução, já que, à época, o mesmo ficou em R\$ 1.160 – recuo, portanto, de 2,0%. Assim, além da queda do emprego formal, nota-se, também, perda salarial no período. A evolução trimestral deste indicador pode ser acompanhada pelo Gráfico 3.

A contração na capacidade de geração de empregos com carteira assinada, apurada até agora, na Bahia, parece afetar o salário médio de admissão e de desligamento no estado. Enquanto a

remuneração média dos trabalhadores admitidos vem assumindo tendência de redução, a dos desligados segue tendência de crescimento – comportamento condizente com o momento econômico.

A diferença entre o salário real médio de desligados e admitidos, no terceiro trimestre, aumentou em relação à dos trimestres da base de comparação. Enquanto no terceiro trimestre de 2015, o trabalhador admitido recebeu, em média, 88,6% do recebido pelo trabalhador desligado, no trimestre precedente e no terceiro de 2014 esses percentuais foram de 89,7% e de 93,5%, respectivamente.

O preço de rotatividade da mão de obra, na Bahia, no terceiro trimestre deste ano, portanto, reduziu em relação aos trimestres de contraponto. Assim, com a persistência dessa condição, qualquer intento futuro por parte das empresas em substituir empregados, visando tornar mais enxuta a folha de pagamentos, torna-se favorecido – recrudescendo, por conseguinte, a taxa de rotatividade.

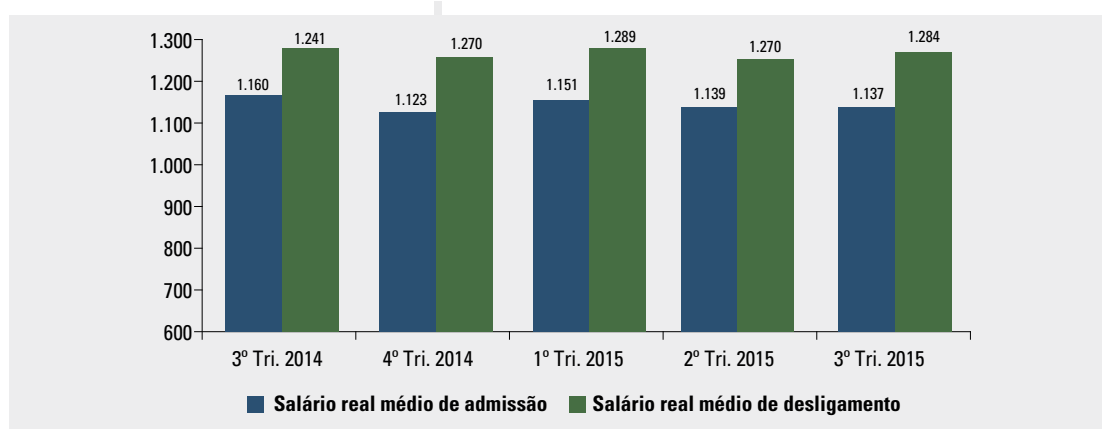


Gráfico 3
Salário real médio de admissão e de desligamento – Bahia – 3º tri. 2014-3º tri. 2015

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2015.

Dados deflacionados em relação a junho deste ano pelo IPCA.

MERCADO DE TRABALHO NA RMS SEGUNDO PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO

A taxa de desemprego total da Região Metropolitana de Salvador¹ cresceu no terceiro trimestre de 2015, ao passar dos 18,0% da População Economicamente Ativa (PEA) do segundo trimestre para os atuais 19,4%, maior valor alcançado em um terceiro trimestre desde 2009. O aumento observado nesse período contraria a tendência sazonal da taxa de desemprego, que é de redução na segunda metade do ano (Gráfico 4 e Tabela 1A, em apêndice).

O crescimento da taxa de desocupação entre o segundo e o terceiro trimestre foi motivado pelo fechamento de 27 mil posições de trabalho (ou redução de 1,8% dos postos existentes), concomitante com uma relativa estabilização da PEA (saída de 2 mil pessoas do mercado de trabalho ou recuo de 0,1% da força de trabalho). A diminuição da ocupação e a estabilização da PEA foram suficientes para acrescer o contingente de desempregados em 25 mil indivíduos, elevando-o a 354 mil pessoas.

¹A taxa de desemprego total é uma média móvel, calculada com base em três painéis, envolvendo a coleta dos últimos três meses. Outros indicadores da PED-RMS seguem a mesma metodologia.

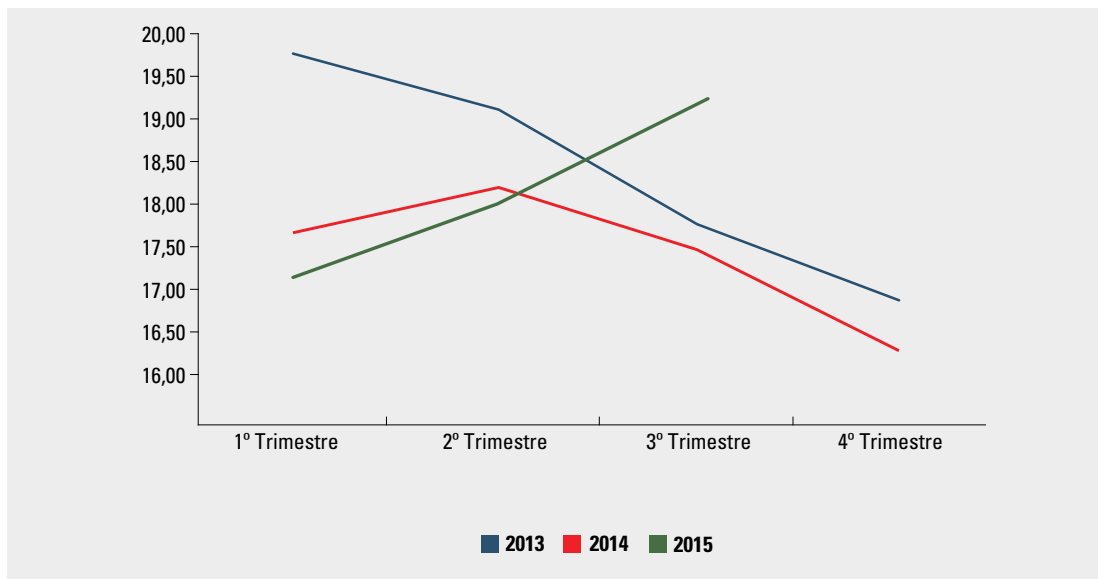


Gráfico 4
Taxas trimestrais de desemprego total e de participação na RMS – 2013 a 2015

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTE/FAT.

Em relação aos grupos populacionais, o crescimento da taxa de desemprego, no terceiro trimestre, penalizou mais severamente o grupo masculino (taxas de desemprego de 16,3% no segundo trimestre e de 18,5% no terceiro trimestre de 2015) que o feminino (20,0% e 20,4%, respectivamente), fazendo com que a proporção de homens entre os desempregados superasse a de mulheres (50,3% e 49,7%, respectivamente). Embora não tenha alterado a hierarquia das taxas de desemprego, que continuaram mais elevadas para a população mais jovem, o desemprego também cresceu relativamente mais para os mais velhos (Gráfico 2 e Tabela 2A, em apêndice).

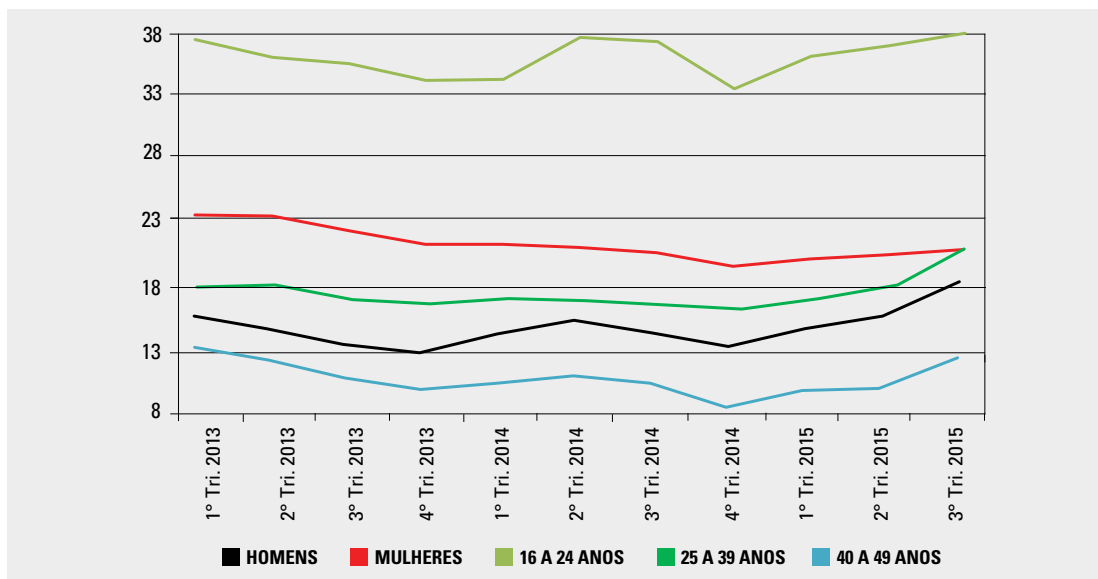


Gráfico 5
Taxas trimestrais de desemprego total e de participação na RMS – 1º tri. 2013-3º tri. 2015

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTE/FAT.

Entre os principais setores de atividade econômica analisados, houve acréscimo no contingente de trabalhadores entre o segundo e o terceiro trimestre de 2015 na *Construção* (4 mil postos ou

3,3%); decréscimo na *Indústria de transformação* (-16 mil postos ou -12,4%) e no *Comércio* (-7 mil ou -2,4%); e relativa estabilidade nos *Serviços* (-3 mil ou -0,3%) (Tabela 3A, em apêndice).

Em relação ao terceiro trimestre de 2014, houve perda de 60 mil postos de trabalho. O impacto foi mais intenso no setor de *Serviços* (-26 mil postos ou -2,8%) e na *Construção* (-25 mil postos ou -16,7%), mas também atingiu duramente a *Indústria de transformação* (-8 mil ou -6,6%). A rigor, apenas o setor de *Comércio* ampliou o número de trabalhadores ocupados, com o acréscimo de 10 mil pessoas ou 3,6% no número de trabalhadores existentes há 12 meses.

Quanto ao vínculo ou relação de trabalho, entre o segundo e o terceiro trimestres de 2015 houve redução no número de trabalhadores *Assalariados* (-29 mil ou -2,8%) e *Empregados domésticos* (-2 mil ou -1,7%) e forte crescimento de *Autônomos* (19 mil pessoas ou 7,1%). Entre os *Assalariados*, a perda de posições de trabalho foi mais intensa no setor público (-16 mil ou -10,8%) que no setor privado (-14 mil ou -1,6%) e, no setor privado, diminuiu o contingente com carteira de trabalho assinada (-32 mil ou -4,1%) e cresceu o de empregados sem carteira (18 mil ou 19,8%) (Tabela 4A, em apêndice).

Ainda em relação à posição na ocupação, nos últimos 12 meses houve redução nos contingentes de trabalhadores *Assalariados* (-42 mil ou -4,0%), *Empregados domésticos* (-16 mil ou -12,1%) e *Autônomos* (-9 mil postos ou -3,0%). A redução entre os *Assalariados* foi devido à perda de postos de trabalho tanto no setor privado (-23 mil ou -2,6%) quanto no setor público (-20 mil ou -13,2%). O fechamento de postos no setor privado atingiu as posições protegidas pela carteira de trabalho assinada pelo empregador, cuja perda alçou a 23 mil postos, redução de 3,0% dos existentes em 2014. O número de posições precárias, representadas pelo trabalho assalariado sem carteira de trabalho assinada, permaneceu inalterado nesse período.

Embora os dados disponíveis pela Pesquisa de Emprego e Desemprego da RMS sobre rendimentos do trabalho não abranjam todos os meses do terceiro trimestre de 2015, os valores encontrados para os dois primeiros meses do trimestre mostram a persistência da tendência à redução do valor real da média e da massa dos rendimentos do trabalho. Em agosto, o rendimento médio real dos ocupados e o dos assalariados diminuiu tanto em relação aos valores obtidos no mês anterior quanto em relação ao auferido no mesmo mês do ano passado. No caso dos ocupados, a média reduziu em 1,1% em relação a julho e em 5,4% face ao mesmo mês do ano anterior. Entre assalariados, as quedas foram de 0,4% e 6,0%, respectivamente (Tabela 5A).

A massa de rendimento real também sofreu redução. Entre os ocupados, o total dos rendimentos do trabalho em agosto diminuiu em 2,1% em comparação a julho e 7,8% em relação ao mesmo mês de 2014. Em ambos os casos, o nível de ocupação e rendimento médio real contribuíram para o decréscimo da massa de rendimento, sendo que o impacto da redução da média dos rendimentos foi maior que o da redução do nível de emprego.

A diminuição da massa dos salários foi mais elevada que a do conjunto dos ocupados. No comparativo com o mês de julho, a perda foi de 2,6% e, face a agosto de 2014, 8,9%. A redução da massa de rendimentos dos assalariados entre julho e agosto deveu-se, principalmente, à queda do nível de ocupação (-2,3%), já que o rendimento real médio variou apenas -0,4%. Entre assalariados, a forte queda da massa de rendimentos entre agosto de 2015 e agosto de 2014 adveio, em primeiro lugar, da redução dos salários (-6,0%) e, em segundo lugar, do nível de emprego (-3,0%).

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO

Expectativa dos empresários baianos para o emprego

A Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano, realizada mensalmente com representantes dos setores produtivos da Bahia, sonda as expectativas empresariais a respeito de diversos assuntos, colaborando, assim, para antecipar rumos de temas relevantes para a economia do estado. O ânimo para contratação futura por parte dos setores participantes, por exemplo, é um dos objetos da Pesquisa.

Construído a partir das respostas dos empresários baianos quanto aos planos em contratar, manter ou encerrar contratos, o Indicador de Expectativas para Emprego (IEE) tem sido negativo desde dezembro de 2013. Atingindo patamares bastante pessimistas, a mensagem exposta por esse Indicador para os meses futuros continua sendo a de eliminação de postos de trabalho.

O IEE revelou, em julho último, seu valor mais baixo, marcando -487 pontos – evidenciando uma expectativa considerável de reduções de postos de trabalho para o intervalo vindouro de um ano. A propósito, os meses de junho (-450 pontos), julho (-487 pontos), agosto (-414 pontos) e setembro (-476 pontos) confinam os piores valores desde o início da referida pesquisa.

Entre os setores, o de Serviços e Comércio apresentou o menor Indicador, em setembro, sinalizando grau elevado de pessimismo – no ano, foi a terceira vez que o cenário projetado por este setor, no quesito emprego, assumiu o resultado mais pessimista, já que, de janeiro a maio e em julho, a Indústria foi a atividade de pior expectativa (Gráfico 6). No mês de encerramento do terceiro trimestre de 2015, os setores de Agropecuária e de Indústria revelaram nível considerável de pessimismo quanto ao quesito emprego – com o detalhe de ampliação do desânimo em todos os setores num comparativo ao fecho do trimestre antecedente.

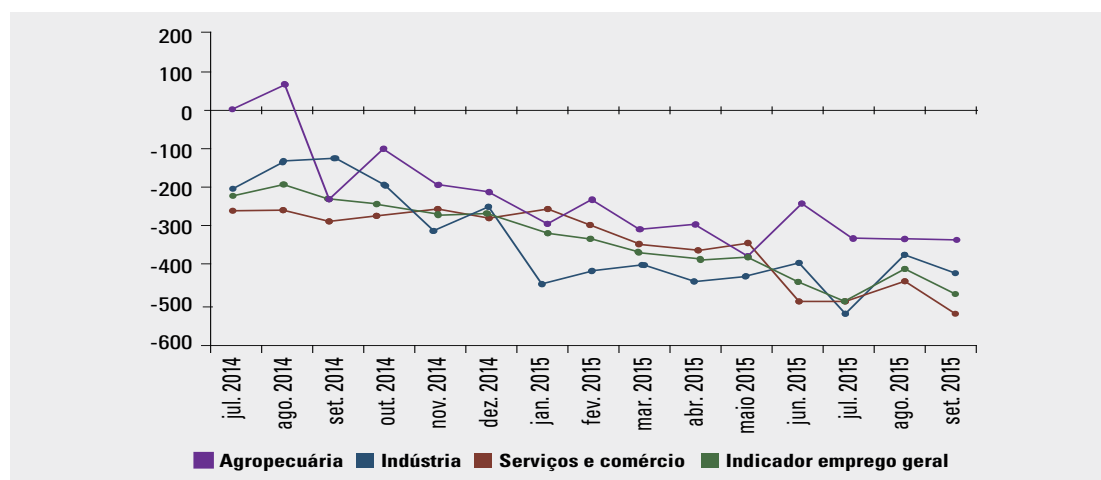


Gráfico 6

Evolução do Indicador de Expectativas para Emprego na Bahia por setor de atividade – Jul. 2014-set. 2015

Fonte: SEI/Dipeq/Copes, 2015

Analisando-se o nível esperado de contratação para os 12 meses seguintes, observado no terceiro trimestre deste ano, 71,5% dos entrevistados afirmaram que pretendem

promover o desligamento de empregados; 27,7% dos empresários planejam manter a quantidade atual de trabalhadores; e apenas 0,8% cogitaram a possibilidade de contratar.

Conforme se pode acompanhar pelo Gráfico 7, o crescimento do intento, por parte do setor produtivo baiano, em reduzir seu quadro de funcionários no futuro, é patente – o percentual de respostas, por trimestre, com pretensão em desligar funcionários, saltou de 40,5%, no terceiro trimestre do ano anterior, para 71,5%, no terceiro trimestre de 2015. Em paralelo, o fito em admitir ou em manter trabalhadores vem perdendo expressividade.

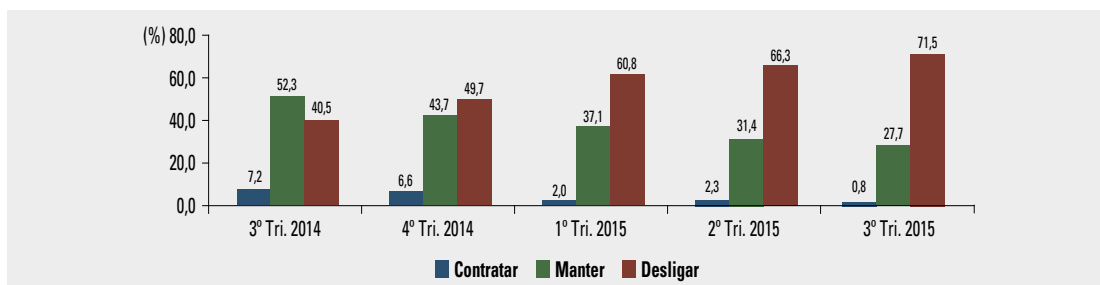


Gráfico 7
Percentual de respostas quanto ao quesito emprego por trimestre – 3º tri. 2014-3º tri. 2015

Fonte: SEI/Dipeq/Copes, 2015

Projeção do emprego formal

Sem considerar as declarações fora do prazo, a projeção realizada pela SEI indica que a deterioração do mercado de trabalho baiano continua em curso, com corte previsto de 49.114 postos de trabalho formais no último trimestre de 2015². Se confirmada tal expectativa, o número de empregos com carteira assinada, na Bahia, no próximo trimestre, ficará num patamar abaixo ao registrado em qualquer quarto trimestre desde 2006. Até então, o pior quarto trimestre, em termos de saldo, havia sido o de 2014, quando foram eliminados 25.438 vínculos de trabalho com carteira assinada.

A perda de empregos celetistas, esperada para o último trimestre do ano, está sendo influenciada, principalmente, pelo comportamento dos setores de Construção Civil (-17.781 postos), de Serviços (-12.852 oportunidades), de Agropecuária (-8.777 postos) e de Indústria de Transformação (-7.974 empregos celetistas). Somente um setor revelou saldo projetado positivo: o de Extrativa Mineral, onde são aguardados 37 novas oportunidades ocupacionais. As demais projeções podem ser visualizadas na tabela abaixo.

Tabela 4
Projeção de empregos formais por setor de atividade econômica

Mês	Setor de atividade econômica							
	Extrativa mineral	Indústria de transformação	Serviços industriais de utilidade pública	Construção civil	Comércio	Serviços	Administração pública	Agropecuária
out/15	5	-1.171	-94	-5.634	-306	-3.790	-58	-1.871
nov/15	17	-2.596	-192	-2.544	1.720	-1.275	-602	-2.827
dez/15	15	-4.207	-235	-9.603	-1.858	-7.787	-142	-4.079
Total	37	-7.974	-521	-17.781	-444	-12.852	-802	-8.777

Fonte: SEI/Dipeq/Copes, 2015.

²A projeção feita pela SEI, quando do momento de seus cálculos, baseou-se em dados atualizados até setembro deste ano.

A projeção feita pela SEI, com supressão de 49.114 vínculos formais no quarto trimestre do ano, o cenário captado pela Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano, com piora dos indicadores, juntamente aos demais vetores de desaceleração econômica no estado, além dos recentes resultados constantes do Caged, ajudam a reforçar a expectativa de agravamento das condições de emprego e renda na Bahia para os próximos meses – alimentando os indícios de que o mercado de trabalho formal baiano, em 2015, apresentará desempenho bem aquém ao dos últimos anos e, também, enfrentará dificuldades em se desvencilhar da rota descendente até mesmo em 2016.

Tabela 1A
Estimativas da População Total e Economicamente Ativa e dos Inativos Maiores de 10 Anos, Taxas Globais de Participação e de Desemprego Total
Região Metropolitana de Salvador – 2010-2015

Trimestres	População economicamente ativa						Inativos maiores de 10 anos			Taxas (%)		População Total (1)
	Total		Ocupados		Desempregados		Índice (2)	Números absolutos (1)	Índice (2)	Participação (pea/pia)	Desemprego total (des/pea)	
	Números absolutos (1)	Índice (2)	Números absolutos (1)	Índice (2)	Números absolutos (1)	Índice (2)						
1º tri. 2010	1.722	115,0	1.379	125,5	343	86,2	1.226	128,0	58,4	19,9	3.424	
2º tri. 2010	1.724	115,2	1.436	130,7	288	72,4	1.238	129,2	58,2	16,7	3.436	
3º tri. 2010	1.728	115,4	1.448	131,8	280	70,4	1.246	130,1	58,1	16,2	3.447	
4º tri. 2010	1.745	116,6	1.504	136,9	241	60,6	1.243	129,7	58,4	13,8	3.459	
1º tri. 2011	1.687	112,7	1.422	129,4	265	66,6	1.315	137,3	56,2	15,7	3.470	
2º tri. 2011	1.683	112,4	1.422	129,4	261	65,6	1.333	139,1	55,8	15,5	3.482	
3º tri. 2011	1.727	115,4	1.454	132,3	273	68,6	1.302	135,9	57,0	15,8	3.494	
4º tri. 2011	1.722	115,0	1.479	134,6	243	61,1	1.320	137,8	56,6	14,1	3.505	
1º tri. 2012	1.788	119,4	1.479	134,6	309	77,6	1.268	132,4	58,5	17,3	3.517	
2º tri. 2012	1.824	121,8	1.498	136,3	326	81,9	1.247	130,2	59,4	17,9	3.529	
3º tri. 2012	1.884	125,9	1.526	138,9	358	89,9	1.200	125,3	61,1	19,0	3.541	
4º tri. 2012	1.865	124,6	1.555	141,5	310	77,9	1.233	128,7	60,2	16,6	3.553	
1º tri. 2013	1.873	125,1	1.504	136,9	369	92,7	1.239	129,3	60,2	19,7	3.565	
2º tri. 2013	1.822	121,7	1.474	134,1	348	87,4	1.304	136,1	58,3	19,1	3.577	
3º tri. 2013	1.893	126,5	1.556	141,6	337	84,7	1.247	130,2	60,3	17,8	3.589	
4º tri. 2013	1.864	124,5	1.549	140,9	315	79,1	1.290	134,7	59,1	16,9	3.601	
1º tri. 2014	1.882	125,7	1.549	140,9	333	83,7	1.286	134,2	59,4	17,7	3.613	
2º tri. 2014	1.881	125,7	1.539	140,0	342	85,9	1.302	135,9	59,1	18,2	3.625	
3º tri. 2014	1.857	124,0	1.532	139,4	325	81,7	1.340	139,9	58,1	17,5	3.637	
4º tri. 2014	1.869	124,8	1.564	142,3	305	76,6	1.342	140,1	58,2	16,3	3.649	
1º tri. 2015	1.845	123,2	1.526	138,9	319	80,2	1.381	144,2	57,2	17,3	3.662	
2º tri. 2015	1.828	122,1	1.499	136,4	329	82,7	1.413	147,5	56,4	18,0	3.674	
3º tri. 2015	1.826	122,0	1.472	133,9	354	88,9	1.429	149,2	56,1	19,4	3.686	
Variação(%)												
3º tri. 2015/2º tri. 2015		-0,1		-1,8		7,6		1,1	-0,5	7,8	0,3	
Variação (%)												
3º tri. 2015/3º tri. 2014		-1,7		-3,9		8,9		6,6	-3,4	10,9	1,3	

Fonte: PED-RMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTE/FAT.

(1) Em 1000 pessoas.

(2) Base: média de 2000 = 100.

Nota: Projeções populacionais ajustadas com base no Censo de 2010. Ver nota técnica nº 8.

Tabela 2A

Taxas de Desemprego, por Atributos Pessoais - Região Metropolitana de Salvador - 2010-2015

Trimestres		Taxa de Desemprego												
		Total	Sexo		Idade						Posição no Domicílio		Raça/Cor	
			Homens	Mulheres	10 a 15 Anos	16 a 24 Anos	25 a 39 Anos	40 a 49 Anos	50 a 59 Anos	60 Anos e Mais	Chefes	Demais Membros	Negros	Não-Negros
1º tri. 2010	19,9	16,3	23,9	(1)	38,8	19,2	11,6	(1)	(1)	11,9	25,6	20,5	15,1	
2º tri. 2010	16,7	12,7	20,9	(1)	31,9	16,9	10,5	(1)	(1)	9,6	22,0	17,6	(1)	
3º tri. 2010	16,2	12,5	20,2	(1)	33,3	16,1	(1)	(1)	(1)	9,1	21,7	16,9	(1)	
4º tri. 2010	13,8	10,4	17,4	(1)	28,1	14,0	(1)	(1)	(1)	7,2	18,6	14,3	10,4	
1º tri. 2011	15,7	12,4	19,2	(1)	31,1	15,6	(1)	(1)	(1)	8,5	21,0	16,2	11,5	
2º tri. 2011	15,5	12,6	18,8	(1)	30,4	15,5	10,6	(1)	(1)	9,7	20,0	16,3	(1)	
3º tri. 2011	15,8	13,1	18,8	(1)	33,0	15,8	(1)	(1)	(1)	8,4	21,8	16,2	12,6	
4º tri. 2011	14,1	10,8	17,8	(1)	29,4	13,3	(1)	(1)	(1)	8,5	18,8	14,5	(1)	
1º tri. 2012	17,3	14,3	20,5	(1)	33,9	16,9	10,4	(1)	(1)	10,4	22,7	17,9	(1)	
2º tri. 2012	17,9	14,5	21,6	(1)	36,2	17,0	10,0	(1)	(1)	9,3	24,6	18,1	15,4	
3º tri. 2012	19,0	15,5	22,7	(1)	37,4	17,9	11,6	(1)	(1)	10,5	25,8	19,4	14,9	
4º tri. 2012	16,6	13,6	19,9	(1)	31,2	16,2	10,7	(1)	(1)	10,2	21,8	16,9	13,6	
1º tri. 2013	19,7	16,3	23,3	(1)	37,7	18,1	13,2	(1)	(1)	12,0	26,2	20,0	16,4	
2º tri. 2013	19,1	15,3	23,2	(1)	36,2	18,2	12,6	(1)	(1)	11,9	24,8	19,7	(1)	
3º tri. 2013	17,8	13,9	22,0	(1)	35,7	17,0	11,1	(1)	(1)	10,3	24,1	18,2	(1)	
4º tri. 2013	16,9	13,2	20,9	(1)	34,3	16,7	10,2	(1)	(1)	9,1	23,2	17,5	(1)	
1º tri. 2014	17,7	14,8	20,9	(1)	34,4	17,1	10,7	(1)	(1)	11,0	23,4	18,1	(1)	
2º tri. 2014	18,2	16,0	20,6	(1)	37,9	16,9	11,3	(1)	(1)	11,9	23,5	18,7	(1)	
3º tri. 2014	17,5	14,9	20,2	(1)	37,5	16,6	10,7	(1)	(1)	10,3	23,8	17,7	15,7	
4º tri. 2014	16,3	13,8	19,0	(1)	33,6	16,2	8,7	(1)	(1)	9,1	22,5	16,5	(1)	
1º tri. 2015	17,3	15,3	19,6	(1)	36,3	17,1	10,1	(1)	(1)	10,6	23,4	17,6	(1)	
2º tri. 2015	18,0	16,3	20,0	(1)	37,2	18,2	10,3	(1)	(1)	10,9	24,3	18,3	(1)	
3º tri. 2015	19,4	18,5	20,4	(1)	38,2	20,3	12,4	(1)	(1)	13,6	24,7	19,6	16,7	
Variação(%) 3º tri. 2015/ 2º tri. 2015		7,8	13,5	2,0	2,7	11,5	20,4			24,8	1,6	7,1		
Variação(%) 3º tri. 2015/ 3º tri. 2014		10,9	24,2	1,0	1,9	22,3	15,9			32,0	3,8	10,7	6,4	

Fonte: PED-RMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTE/FAT.

(1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Tabela 3A
Estimativas e Índices do Nível de Ocupação, por Setor de Atividade – Região Metropolitana de Salvador – 2011-2015

Trimestres	Estimativas e índices do nível de ocupação, por setor de atividade									
	Total (1)		Indústria de transformação (2)		Construção (3)		Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas (4)		Serviços (5)	
	Números absolutos (6)	Índices (7)	Números absolutos (6)	Índices (7)	Números absolutos (6)	Índices (7)	Números absolutos (6)	Índices (7)	Números absolutos (6)	Índices (7)
1º tri. 2011	1.422	98,6	128	98,5	129	97,0	262	95,3	865	100,1
2º tri. 2011	1.422	98,6	132	101,5	127	95,5	262	95,3	855	99,0
3º tri. 2011	1.454	100,8	124	95,4	134	100,8	286	104,0	874	101,2
4º tri. 2011	1.479	102,6	136	104,6	141	106,0	293	106,5	871	100,8
1º tri. 2012	1.479	102,6	123	94,6	146	109,8	282	102,5	884	102,3
2º tri. 2012	1.498	103,9	135	103,8	147	110,5	288	104,7	888	102,8
3º tri. 2012	1.526	105,8	131	100,8	134	100,8	291	105,8	926	107,2
4º tri. 2012	1.555	107,8	137	105,4	149	112,0	295	107,3	935	108,2
1º tri. 2013	1.504	104,3	123	94,6	138	103,8	308	112,0	890	103,0
2º tri. 2013	1.474	102,2	131	100,8	139	104,5	273	99,3	889	102,9
3º tri. 2013	1.556	107,9	129	99,2	146	109,8	303	110,2	935	108,2
4º tri. 2013	1.549	107,4	136	104,6	156	117,3	301	109,5	917	106,1
1º tri. 2014	1.549	107,4	124	95,4	158	118,8	308	112,0	925	107,1
2º tri. 2014	1.539	106,7	134	103,1	155	116,5	299	108,7	914	105,8
3º tri. 2014	1.532	106,2	121	93,1	150	112,8	280	101,8	945	109,4
4º tri. 2014	1.564	108,5	124	95,4	152	114,3	311	113,1	945	109,4
1º tri. 2015	1.526	105,8	137	105,4	130	97,7	285	103,6	948	109,7
2º tri. 2015	1.499	104,0	129	99,2	121	91,0	297	108,0	922	106,7
3º tri. 2015	1.472	102,1	113	86,9	125	94,0	290	105,5	919	106,4
Variação(%)										
3º tri. 2015/		-1,8		-12,4		3,3		-2,4		-0,3
2º tri. 2015										
Variação(%)										
3º tri. 2015/		-3,9		-6,6		-16,7		3,6		-2,8
2º tri. 2014										

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTE/FAI.

(-) Dados não disponíveis. A captação da CNAE 2.0 domiciliar na PED iniciou-se em novembro de 2010.

(1) Inclui agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (Seção A); indústrias extrativas (Seção B); eletricidade e gás (Seção D); água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação (Seção E); organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais (Seção U); atividades mal definidas (Seção V). As seções mencionadas referem-se à CNAE 2.0 domiciliar.

(2) Seção C da CNAE 2.0 domiciliar.

(3) Seção F da CNAE 2.0 domiciliar.

(4) Seção G da CNAE 2.0 domiciliar.

(5) Seções H a T da CNAE 2.0 domiciliar.

(6) Em 1.000 pessoas.

(7) Base: média de 2011 = 100.

Nota: A captação da CNAE 2.0 domiciliar na PED iniciou-se em novembro de 2010. Vide nota técnica nº 01/2012.

Tabela 4A

Estimativas e Índices do Nível de Ocupação, por Posição na Ocupação – 2010-2015

Trimestres	Total (1)	Assalariados (2)										Autônomos				Empregados domésticos	
		Total		Setor privado						Setor público (3)							
				Total		Com carteira assinada		Sem carteira assinada									
				Números absolutos (4)	Índices (5)	Números absolutos (4)	Índices (5)	Números absolutos (4)	Índices (5)					Números absolutos (4)	Índices (5)		
1º tri. 2010	1.379	125,5	923	140,5	740	148,9	610	167,6	130	97,7	183	114,4	284	115,0	101	87,8	
2º tri. 2010	1.436	130,7	965	146,9	764	153,7	648	178,0	116	87,2	201	125,6	279	113,0	108	93,9	
3º tri. 2010	1.448	131,8	972	147,9	760	152,9	630	173,1	130	97,7	210	131,3	294	119,0	109	94,8	
4º tri. 2010	1.504	136,9	1.009	153,6	800	161,0	669	183,8	131	98,5	208	130,0	314	127,1	104	90,4	
1º tri. 2011	1.422	129,4	947	144,1	762	153,3	644	176,9	118	88,7	183	114,4	299	121,1	112	97,4	
2º tri. 2011	1.422	129,4	974	148,2	799	160,8	685	188,2	114	85,7	173	108,1	282	114,2	112	97,4	
3º tri. 2011	1.454	132,3	960	146,1	795	160,0	680	186,8	115	86,5	164	102,5	314	127,1	124	107,8	
4º tri. 2011	1.479	134,6	979	149,0	828	166,6	707	194,2	121	91,0	151	94,4	308	124,7	127	110,4	
1º tri. 2012	1.479	134,6	991	150,8	834	167,8	711	195,3	123	92,5	154	96,3	305	123,5	129	112,2	
2º tri. 2012	1.498	136,3	1.014	154,3	870	175,1	750	206,0	120	90,2	142	88,8	304	123,1	127	110,4	
3º tri. 2012	1.526	138,9	1.016	154,6	862	173,4	732	201,1	130	97,7	154	96,3	325	131,6	125	108,7	
4º tri. 2012	1.555	141,5	1.064	161,9	900	181,1	774	212,6	126	94,7	165	103,1	306	123,9	123	107,0	
1º tri. 2013	1.504	136,9	1.023	155,7	880	177,1	761	209,1	119	89,5	141	88,1	298	120,6	123	107,0	
2º tri. 2013	1.474	134,1	996	151,6	859	172,8	746	204,9	113	85,0	137	85,6	307	124,3	124	107,8	
3º tri. 2013	1.556	141,6	1.046	159,2	896	180,3	767	210,7	129	97,0	148	92,5	322	130,4	123	107,0	
4º tri. 2013	1.549	140,9	1.061	161,5	907	182,5	795	218,4	112	84,2	155	96,9	296	119,8	124	107,8	
1º tri. 2014	1.549	140,9	1.063	161,8	923	185,7	793	217,9	130	97,7	141	88,1	290	117,4	129	112,2	
2º tri. 2014	1.539	140,0	1.065	162,1	917	184,5	805	221,2	112	84,2	148	92,5	282	114,2	119	103,5	
3º tri. 2014	1.532	139,4	1.040	158,3	887	178,5	778	213,7	109	82,0	152	95,0	296	119,8	132	114,8	
4º tri. 2014	1.564	142,3	1.074	163,5	929	186,9	816	224,2	113	85,0	145	90,6	296	119,8	127	110,4	
1º tri. 2015	1.526	138,9	1.067	162,4	914	183,9	812	223,1	102	76,7	153	95,6	278	112,6	114	99,1	
2º tri. 2015	1.499	136,4	1.027	156,3	878	176,7	787	216,2	91	68,4	148	92,5	268	108,5	118	102,6	
3º tri. 2015	1.472	133,9	998	151,9	864	173,8	755	207,4	109	82,0	132	82,5	287	116,2	116	100,9	
Variação(%)																	
3º tri. 2015/ 2º tri. 2015		-1,8		-2,8		-1,6		-4,1		19,8		-10,8		7,1		-1,7	
Variação (%)																	
3º tri. 2015/ 3º tri. 2014		-3,9		-4,0		-2,6		-3,0		0,0		-13,2		-3,0		-12,1	

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTE/FAT.

(1) Incluem empregadores, donos de negócio familiar, trabalhadores familiares sem remuneração, profissionais liberais e outras posições ocupacionais.

(2) Excluem os empregados domésticos e incluem aqueles que não sabem a que setor pertence a empresa em que trabalham.

(3) Incluem os estatutários e celetistas que trabalham em instituições públicas (governos municipal, estadual, federal, empresa de economia mista, autarquia, fundação, etc.).

(4) Em 1000 pessoas.

(5) Base: média de 2000 = 100.

Tabela 5A

Índices Trimestrais do Emprego, do Rendimento Médio Real e da Massa de Rendimentos Reais dos Ocupados e dos Assalariados (1) – Região Metropolitana de Salvador – 2010-2015

Base: média de 2000 = 100

Trimestres	Ocupados (2)			Assalariados (3)		
	Emprego	Rendimento médio real	Massa de rendimentos reais	Emprego	Salário médio real	Massa salarial real
Mar 2010	125,5	109,8	137,7	140,5	108,2	152,0
Jun	130,7	111,0	145,0	146,9	108,2	158,9
Set	131,8	111,6	147,0	147,9	109,1	161,4
Dez	136,9	110,7	151,5	153,6	108,8	167,1
Mar 2011	129,4	102,4	132,5	144,1	101,1	145,8
Jun	129,4	104,1	134,7	148,2	103,6	153,7
Set	132,3	95,3	126,1	146,1	94,5	138,0
Dez	134,6	96,7	130,2	149,0	96,8	144,3
Mar 2012	134,6	97,7	131,5	150,8	97,4	146,9
Jun	136,3	96,2	131,1	154,3	95,0	146,6
Set	138,9	97,4	135,3	154,6	96,3	148,9
Dez	141,5	98,9	140,0	161,9	97,7	158,2
Mar 2014	136,9	96,9	132,6	155,7	95,8	149,2
Jun	134,1	100,7	135,1	151,6	100,2	152,0
Set	141,6	100,0	141,6	159,2	98,7	157,2
Dez	140,9	105,1	148,1	161,5	101,4	163,8
Mar 2015	140,9	101,7	143,4	161,8	99,0	160,1
Jun	140,0	102,7	143,8	162,1	100,8	163,4
Set	139,4	102,6	143,0	158,3	100,0	158,3
Dez	142,3	104,9	149,2	163,5	101,8	166,4
Mar 2015	138,9	102,5	142,3	162,4	98,0	159,2
Jun	136,4	99,2	135,2	156,3	95,4	149,1
Jul	135,4	97,5	132,1	155,6	93,8	145,9
Ago	134,1	96,4	129,3	152,1	93,5	142,1
Varição Mensa (%) Jul.2015/ Jun.2015	-0,7	-1,6	-2,4	-0,5	-1,7	-2,1
Ago.2015/ Jul.2015	-0,9	-1,1	-2,1	-2,3	-0,4	-2,6
Varição no ano (%) Jul.2015/ Dez.2014	-4,9	-7,0	-11,5	-4,8	-7,9	-12,3
Ago.2015/ Dez.2014	-5,8	-8,0	-13,3	-7,0	-8,2	-14,6
Varição anual (%) Jul.2015/ Jul.2014	-2,9	-4,4	-7,1	-2,8	-5,5	-8,2
Ago.2015/ Ago.2014	-2,6	-5,4	-7,8	-3,0	-6,0	-8,9

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTE/FAT.

(1) Inflator utilizado: IPC - SEI.

(2) Incluem os ocupados que não tiveram remuneração no mês e excluem os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício.

(3) Incluem os assalariados que não tiveram remuneração no mês.

NOTAS METODOLÓGICAS

Pesquisa de confiança do empresariado baiano

A fim de monitorar o nível de confiança do setor produtivo do estado mensalmente, a Pesquisa de Confiança do Empresário Baiano efetua a produção contínua e sistemática de indicadores. O principal deles é o ICEB, Indicador de Confiança do Empresariado Baiano.

Realizada diretamente com federações, associações e sindicatos patronais representativos dos segmentos empresariais do Estado, a técnica de coleta utiliza um questionário com doze perguntas de cunho qualitativo e que versam sobre temas relacionados ao contexto macroeconômico (Inflação, Juros, PIB Nacional e PIB Estadual) e ao desempenho das empresas (Vendas, Crédito, Câmbio, Capacidade Produtiva, Situação Financeira, Emprego, Exportação e Abertura de Unidades).

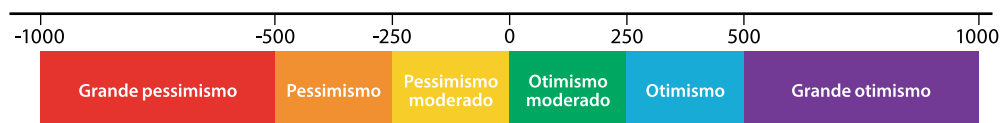
Fruto de uma amostragem não-probabilística intencional, a Pesquisa conta, atualmente, com mais de cem entidades representativas dos setores produtivos do estado. A cobertura setorial da Pesquisa abrange quatro setores: Agropecuária; Indústria; Serviços; e Comércio.

Para chegar ao indicador geral é necessário, primeiramente, mensurar as respostas qualitativas do questionário. Atribui-se valor 1.000 para a resposta mais otimista; 500 para a resposta confiante; zero para a intermediária; -500 para aquela não confiante; e -1.000 para a mais pessimista. Desta maneira, é possível calcular indicadores por questão, tema e setor, sendo o ICEB fruto de uma média dos indicadores de confiança setoriais ponderados pelo valor adicionado de cada atividade no PIB.

O valor do ICEB e dos demais indicadores podem variar de -1.000 a 1.000. Dentro desse intervalo, quanto mais próximo de -1.000, maior o pessimismo associado. Em sentido contrário, mais perto de 1.000, maior o otimismo. O zero pode ser interpretado como ponto de indiferença.

Para efeitos ilustrativos, a Pesquisa trabalha com uma escala de grau de otimismo dividida em intervalos, a qual possibilita classificar o resultado conforme seu enquadramento: *Grande Pessimismo*, de -1.000 a -500; *Pessimismo*, de -500 a -250; *Pessimismo Moderado*, de -250 a zero; *Otimismo moderado*, de zero a 250; *Otimismo*, de 250 a 500; e *Grande Otimismo*, de 500 a 1.000. Os valores de fronteira pertencem à zona imediatamente anterior, com o zero como ponto de orientação.

Escala do ICEB



Projeções do mercado de trabalho formal

As projeções do mercado de trabalho formal utilizam-se da metodologia de séries temporais. Uma série temporal é um conjunto de observações ordenadas em um período de tempo ou espaço. Essas observações apresentam dependência, passível de investigação e modelagem a partir da análise de séries temporais. O estudo de série temporal requer técnicas específicas, as quais levam em consideração a presença de tendência e variação sazonal.

Análise de séries temporais aplicadas a dados de mercado de trabalho é de grande interesse, pois é possível observar o que está acontecendo na economia e quais as perspectivas para o cenário econômico futuro. Para esse estudo são utilizados dados mensais do número de admitidos e desligados por setor de atividade econômica. A base de dados utilizada é o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Para fazer as previsões mensais do Caged são utilizados o algoritmo de alisamento exponencial de Holt-Winters e a metodologia de Box-Jenkins com os modelos sazonais auto regressivos integrados de médias móveis (SARIMA) e sua extensão (SARIMAX). Com o modelo SARIMAX utilizado foi possível incluir variáveis explicativas.

